



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS/ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO
CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
COM ENFASE EM CIÊNCIAS NATURAIS**

NEUZARINA ARAUJO RODRIGUES

**ETNOBOTÂNICA DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR RIBEIRINHA,
ABAETETUBA-PARÁ**

ABAETETUBA/PA

2019

NEUZARINA ARAUJO RODRIGUES

**ETNOBOTÂNICA DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR RIBEIRINHA,
ABAETETUBA-PARÁ.**

Trabalho Acadêmico de Conclusão de Curso apresentado na Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo/ FADECAM da UFPA/Abaetetuba como requisito para obtenção do Grau em Licenciatura Plena em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais sob a orientação da Prof.^a Me. Maria das Graças da Silva Pereira.

**ABAETETUBA/PA
2019**

Dedico este trabalho ao meu esposo Dihone Lobato Baia e às minhas filhas Neuziane Rodrigues Baia e Deiziane Rodrigues Baia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela oportunidade de chegar até aqui, pois sem Ele nada do que foi feito seria possível. Obrigada meu Pai!

Agradeço a minha orientadora Marias das Graças da Silva Pereira, pela coragem de aceitar-me como sua orientanda. O meu muito obrigada!

Ao meu esposo Dihone Lobato Baia que muito me ajudou na minha caminhada acadêmica, com o seu apoio que foi de suma importância.

Agradeço também à minha amiga e irmã Neidiane Cardoso Baia, e a minha mãe Tereza Araújo Cardoso que cuidaram das minhas filhas como se fossem suas, proporcionando o que elas precisavam quando me ausentava o dia todo.

Ao corpo docente da UFPA de Abaetetuba que muito me ajudaram com suas aulas ao desenvolver os trabalhos propostos pelos mesmos no curso de Educação do Campo- Ciências Naturais.

As minhas filhas Neuziane Rodrigues Baia, Deiziane Rodrigues Baia e ao meu sobrinho Neemias que pelo motivo de ter passado por um processo cirúrgico e não poder fazer nenhum esforço físico, se tornaram grandes parceiros quando me levava para fazer a coleta das amostras da respectiva pesquisa. Obrigada meus amores!

Aos alunos do ensino médio da escola Raimundo Sarges da Rocha que aceitaram participar deste trabalho e não poderia deixar de mencionar aos seus respectivos familiares também tornando possível assim a coletas das amostras das plantas para o desenvolvimento desta pesquisa, sem eles seria impossível chegar ao resultado esperado.

Aos meus colegas de classe da turma de educação do campo- ciências naturais de 2014, pela parceria, união, alegrias, compreensão. Em especial a Elidiane, Rosane, Adriana, Marinete, Ana Cristina, Eldaize, Maurilea, e todos os (as) demais que fizeram parte dessa história.

Não poderia de mencionar nos meus agradecimentos também à minha cunhada Izabela Lobato Baia com o seu apoio, dicas e ajuda que tanto aproveitei não só na elaboração deste trabalho, mas também nas atividades acadêmicas.

RESUMO

Este trabalho objetivou realizar um levantamento etnobotânico em uma turma do 3º ano do ensino médio da escola Raimundo Sarges da Rocha da Localidade do Rio Guajará de Beja, acerca do conhecimento e uso dos remédios caseiros bem como identificar as fontes desse saber e registrá-lo. Partindo daí, selecionaram-se as famílias dos alunos participantes que tem planta em casa na busca de conhecer as espécies mais usadas, onde produzem as mesmas, forma do remédio, parte da planta utilizada e de que forma usam o remédio. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, após as entrevistas com as famílias, as amostras foram coletadas nos quintais das entrevistadas, os vegetais foram herborizados adotando os métodos apresentados por Ming (1996). Para classificá-las respectivamente basearam-se nos dados da Flora do Brasil 2020. Foram mencionadas 31 espécies de plantas para uso medicinal. As espécies identificadas estão distribuídas em 22 famílias botânicas e se destacaram Rutaceae, Lamiaceae, Fabaceae, e Zingiberaceae. As espécies que se destacaram com maior número de citações foram o gengibre, a laranja, o limão e o boldo. As espécies encontram-se organizadas em: ervas árvores, arbustos e palmeiras. A parte utilizada mais citada foram as folhas, na forma de chás, em seguida em seguida vem os frutos, a casca do caule, a raiz, as sementes, o caule, e por fim, as flores e os ramos foliares. A automedicação está presente na vida dos colaboradores. São apresentadas algumas facilidades para socorrer um doente na localidade. Contudo, mesmo com os avanços e desenvolvimento da comunidade ainda existem famílias que utilizam as plantas medicinais na forma de remédios caseiros para tratar ou curar doenças.

Palavras chave: Escola. Rio Guajará de Beja. Plantas Mediciniais.

ABSTRACT

This work aimed to carry out an ethnobotanical survey in a high school class at Raimundo Sarges da Rocha School in Rio Guajará, Beja, about the knowledge and use of home remedies as well as identify the sources of this knowledge and register it. From that point on, the families of the participating students were selected, who have plants at home in search of the most used species, where they produce the same, the form of the medicine, part of the plant used and in what form they use the medicine. The data were collected through semi-structured interviews, after the interviews with the families, the samples were collected in the interviewed backyards, the vegetables were herborized adopting the methods presented by Ming (1996). To classify them respectively were based on the data of Flora of Brazil 2020. There were mentioned 31 species of plants for medicinal use. The species identified are distributed in 22 botanical families and stand out Rutaceae, Lamiaceae, Fabaceae, and Zingiberaceae. The species that stood out with the highest number of citations were ginger, orange, lemon and boldo. The species are organized in: herbs trees, shrubs and palm trees. The most used part was the leaves, in the form of teas, then next comes the fruits, the bark of the stem, the root, the seeds, the stem, and finally, the flowers and the foliar branches. Self-medication is present in the lives of employees. Some facilities are provided to assist a patient in the locality. However, even with the advancement and development of the community there are still families who use herbal medicines in the form of home remedies to treat or cure diseases.

KEY WORDS: School. Rio Guajará de Beja. Medicinal plants.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1- Localização do local de pesquisa destaque o rio Guajará de Beja.....	11
Figura 2- Área de várzea na beira do rio.....	12
Figura 3- Ciclo das marés na localidade pesquisada.....	13
Figura 4- Forma de acesso entre uma casa e outra A- Barco utilizado como fonte de renda na comunidade B e C- Localização da praia na área pesquisada, em destaque ponto vermelho e branco D- Meio de transporte usado para se locomover dentro do rio E- Meio de transporte utilizado para transportar pessoas, mercadorias dentro da comunidade e localidades vizinhas F	15
Figura 5- Local os alunos pesquisados estudam.....	17
Figura 10- Local onde foram coletadas as amostras das espécies.....	26

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Características dos alunos quanto aos dados pessoais, se usam e se tem em casa as plantas medicinais.....	19
Tabela 2- Quantidade dos alunos que sabem e quem os ensinou a usar.....	20
Tabela 3- Dados pessoais das mães dos alunos concernente a escolaridade	21
Tabela 6- Espécies botânicas citadas pelas mães, características dos espécimes, parte utilizada, indicação e modo de fazer.....	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 AUTOMEDICAÇÃO	10
2 MATERIAL E MÉTODOS	11
2.1 Caracterização da área de pesquisa	11
2.2 Caracterização do ambiente escolar	17
2.3 Coletas de dados etnobotânicos	18
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
3.1 Coletas de dados dos alunos	19
3.2 Coletas de dados dos pais	21
4 DADOS ETNOBOTÂNICOS	24
5 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A- Questionário	41
APÊNDICE B - Questionário	42

1 INTRODUÇÃO

Desde muito tempo o ser humano sempre buscou meios na natureza para manter-se vivo, as plantas começaram sendo empregadas na alimentação, posteriormente foram sendo aproveitadas na produção do vestuário, das ferramentas e outros utensílios. Provavelmente, quando parou para observar as peculiaridades de cada planta como as mudanças ocorridas de acordo com as estações do ano, o modo como se reconstituíam e outras características peculiares contribuíram terminantemente no aproveitamento das espécies para resolver problemas decorrentes não só na falta de alimento, mas a de remédios também contribuindo na cura de doenças (BRAGA, 2011).

Estudos mostram que antes mesmo de surgirem os registros através da escrita, o ser humano já utilizava as plantas e como o homem vem se desenvolvendo o uso das mesmas vem acompanhando esse desenvolvimento humano, visto que o costume de aproveitar os benefícios de cura dos vegetais trata-se como uma das expressões iniciais no esforço do homem na compreensão e uso da natureza, (BRANDELLI, 2007).

No Brasil, depois de décadas dormindo, as plantas medicinais tornaram a serem consideradas superimportantes a sua utilização para curar/tratar doenças. Sendo que o território brasileiro é possuidor de uma abundante e múltipla variedade de espécies vegetais, pode-se considerar cerca de quinze mil espécimes existentes, e existem algumas espécies que ainda nem foram estudadas (MEDEIROS; CRISOSTIMO, 2013).

Apesar disso, quando se fala sobre plantas medicinais no ambiente escolar, o ensino e o aprendizado sobre as mesmas estão ainda distante de chegar ao patamar de ver o quanto é importante conhecer sobre as espécies, já que nas aulas de ciências não são abordados conteúdos especificamente sobre as plantas medicinais, constantemente aborda-se assuntos referentes sobre o lixo, vegetação, desmatamento. (SOUZA; KINDEL, 2014).

Outra barreira que se encontra no ensino de botânica dentro da sala de aula é quando se emprega o desafio de decorar os nomes das espécies sem relacionar com o cotidiano, resultando na falta de compreensão tanto por parte do professor quanto por parte do aluno, o que acaba se tornando uma aula cansativa, sem estímulo, e desinteressante. É preciso criar formas diferenciadas no ensino para acordar o interesse dos estudantes pela botânica e uma saída para promover essa ação é sem sombra de dúvidas a atualização profissional dos professores para ocorrer mudanças nas suas maneiras de ensinar (FURLAN; JOAQUIM, 2009).

A arte de ensinar e aprender sobre as plantas medicinais seja no ensino fundamental ou médio os professores tem encontrado grande dificuldade apresentando-se em grande parte dos alunados a falta de interesse referente ao ensino-aprendizagem, no entanto para as aulas sobre plantas medicinais serem proveitosas é necessário buscar investimentos para elaborar didaticamente estratégias para ensinar, buscando como objetivo principal tornar mais proveitoso o saber popular juntando com o científico para facilitar a aproximação dos alunos do conteúdo sobre botânica (MEDEIROS; CRISOSTIMO, 2013).

Essas estratégias podem ajudar a reduzir o desafio encontrado no ensino sobre as espécies medicinais fazendo caminhar juntas a educação formal que é a que está no currículo abordado na sala de aula, juntamente com a educação não formal promovido através das visitas em parques botânicos, praças, canteiros e complementar com a educação informal que são as experiências vividas no dia a dia (SOUZA; KINDEL, 2014).

Diante desses autores que tratam sobre a importância das plantas, o uso de plantas medicinais e o ensino nas escolas, o respectivo trabalho objetivou realizar um levantamento etnobotânico na turma do 3º ano do ensino médio da escola Raimundo Sarges da Rocha acerca do conhecimento e uso dos remédios caseiros bem como identificar as fontes desse saber e registrá-lo. Partindo daí, selecionaram-se as famílias dos alunos participantes que tem planta em casa na busca de conhecer as espécies mais usadas, onde produzem as mesmas, forma do remédio, parte da planta utilizada e de que forma usam o remédio.

1.1 AUTOMEDICAÇÃO

Mas sabemos que os remédios são importantes. Usá-lo recebe influencia por múltiplos fatores. Dentre os quais jazem o aumento da probabilidade das pessoas viverem mais, e com isso vem também o aumento e o surgimento de velhas e novas doenças, ocasionadas por inúmeros motivos. Apesar dos avanços ainda existem muitas dificuldades nos serviços relacionados a saúde como o acesso, a demora e a baixa qualidade. Com isso, aparecem diversos aspectos que influencia a automedicação, uma delas é da mídia veicular propagandas mostrando medicar diversos tipos de doenças sem necessidade de prescrição médica, além da maleta de primeiros socorros na própria casa (ARRAIS PSD et al, 2016).

O hábito de tomar remédio por conta própria é um risco que o indivíduo corre na questão da sua saúde, em algumas situações podem até trazer sintomas irreversíveis, visto que uma das causas também ocorre em suas mais variadas vezes devido ao fácil acesso dos medicamentos nas farmácias, drogarias, e agora também nos estabelecimentos conhecidos como as mercearias, tabernas, mercadinhos onde os medicamentos são receitados por maioria

das vezes pelo próprio balconista que indica o melhor e mais indicado para as diversas enfermidades sem receituário médico (PEREIRA et al 2008).

Porem deve-se ter o cuidado para não ingerir os remédios de forma demasiada ou fora de ordem, pois é necessário seguir as orientações de uma pessoa profissionalizada na área da saúde para tratar o paciente prescrevendo o medicamento e a dosagem correta, com essa atitude evita-se a automedicação e isso tem haver tanto com os remédios naturais como os fitoterápicos, ou até mesmo os sintéticos (MEDEIROS; CRISOSTIMO, 2013).

Na esfera mundial o costume de comprar e empregar os medicamentos de forma indiscriminada tornou-se um dos grandes problemas encarados na questão da saúde (PEREIRA et al 2008).

2 MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Caracterização da área de pesquisa

A localidade do Rio Guajará de Beja pertencente ao município de Abaetetuba no Estado do Pará, Distrito de Beja reconhecido como zona rural na região das ilhas, com as coordenadas geográficas de 1° 38' (1,6333°) de latitude Sul a 48° 50' (48,8333°) de longitude Oeste (Google maps-2018). Rio Guajará de Beja está localizado há 127 km de Belém do Pará, 18 km de Abaetetuba-PA e 23 km do Distrito de Vila de Beja (Google maps-2018) na região nordeste do Estado do Pará e desagua na baía do Capim. (Figura 1).



Figura 1- Mapa da localização mostrando a delimitação do Rio Guajará de Beja (circulado na cor amarela).

Fonte: Google mapas/ 2018. Acesso em: 14/01/19.

Rio Guajará fica localizado a 18 km de Abaetetuba, caracterizado por suas águas turvas, possui a fauna e flora natural de região amazônica (ALMEIDA, 2014), uma paisagem

que está dividida em área de terra firme e área de várzea onde “normalmente considera-se como várzea [...] a planície inundável [...], diferindo da terra firme, que são as proporções mais elevadas nunca inundadas pelo rio” (PEREIRA, 2007, p.13). Nas áreas de várzeas “predominam solos mais novos, formados a partir de sedimentos quaternários, ricos em nutrientes ‘possibilitando o desenvolvimento de’ uma rica vegetação” (LIMA et al., 2007, P. 35).

A vegetação à margem do rio é caracterizada pela presença de espécies de árvores comum na área de várzea como o açai (*Euterpe olerace* Mart.) o miriti (*Mauritia flexuosa* L.f.), e o jupati (*Raphia taedigera* (Mart.) Mart.), (ALMEIDA; AMARAL; SILVA, 2004). (Figura 2).



Figura 2- Imagens da localidade pesquisada demonstrando a área de várzea na beira do rio.
Fonte: Dados de campo, em: 05/02/2019.

Na localidade, entre as associações existentes estão a Associação do Sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras Rurais de Abaetetuba (STTRA), Associação dos pescadores (Z-14), e a Associação dos Moradores e Agricultores do Rio Guajará de Beja (AMARGBA) e devido a falta de dados oficiais, esta última foi responsável por ceder dados estatísticos da comunidade, tais como população, entre outros.

A localidade apresenta um total de 1000 famílias, sendo que, 925 residem na beira do rio sujeitos às marés altas e baixas e suas habitações são típicas de área de várzea, construídas de madeira, e algumas são feitas de lajes, tecidas com cimento, suspensas por 1,2 m acima do

solo, para proteger das inundações ocasionadas pelas marés altas (PEREIRA; FERREIRA, 2017) e 75 moram na terra firme e tem suas residências construídas de alvenaria.

No local o cenário fica diferente devido as enchentes e vazantes no período de doze horas todos os dias justificando assim as casas serem suspensas do solo devido a este ciclo da mudança da água quando sobe, como é possível visualizar na figura 3.



Figura 3-Ciclo de marés na Comunidade Rio Guajará de Beja A, B maré baixa e C, D maré alta.
Fonte: dados de campo, 22/02/2019.

Para facilitar o acesso de uma residência para a outra, os moradores erguem pontes de madeira, o que facilita o acesso a esses locais sem ser necessário usar algum meio de transporte. (Figura 4 A).

As famílias oriundas da área de várzea provêm seu sustento do cultivo e extrativismo de açaí preto - *Euterpe oleracea Mart*- (JARDIM; OLIVEIRA, 2014), que é vendido na feira da cidade de Abaetetuba o principal ponto de venda da produção que vai desde o mês de agosto a novembro.

Outra forma de sustento vem da pesca artesanal¹ do “camarão regional ou camarão d’água (*Maciobrachium acanthurus*) alguns pescados como o mapará - *Hypophthalmus marginatus*, e a pescada branca - *Plagioscion squamosissimus* (Hackel, 1980 apud Almeida 2014), realizada na Baía do Capim e no rio mesmo e são comercializados na própria região.” (ALMEIDA, 2014, p. 3,4 apud HACKEL, 1862). Têm-se ainda moradores que praticam a pesca industrial² deste modo esta ultima categoria a pesca é realizada em barcos de médio e pequeno porte (Figura 4 B) visto que realizam a pescaria de peixes grandes em alto mar e realizam a venda no mercado do Ver-O- Peso, em Belém do Pará.

E há uma parcela da população que tem como fonte de renda os fretes (transporte de mercadorias, tais como, cabo de vassoura, madeira, telha, tijolos, farinha, etc., para outros municípios) que são transportados em barcos de grande porte (Figura 4 C).

Em um estudo sobre *Comunidades Ribeirinhas: Modo de vida e uso dos recursos naturais* Castro *et al.* (2007,p.60) ressaltam que a população cultiva nos quintais³ ao redor de suas casas, outras fontes que servem para ajudar no sustento da família, como “árvores frutíferas, grãos, hortaliças, plantas medicinais, criação de animais, que tem como finalidade principal a complementação da produção obtida em outras áreas da produção da propriedade como a roça, a floresta e as capoeiras melhoradas”.

E na localidade pesquisada, constou-se através da pesquisa características parecidas, pois além do cultivo do açaí, a comunidade também apresenta fontes complementares de renda em seus quintais, como a criação de galinhas, porcos, patos, e a cultura de outras espécies como coco, caju, manga, banana, mamão, ingá, beribá, cacau, laranja, urucum, limão, ameixa, esses produtos também servem para o consumo das famílias.

Na área de terra firme as famílias além do açaí, também desenvolvem a agricultura proveniente das roças na qual predomina o cultivo de mandioca, macaxeira, utilizadas na produção da farinha, tapioca, e tucupí, onde as plantações são consorciadas com a cultura de maxixe, milho, caruru, gergelim, etc. Trabalho este realizado pelos membros das famílias e a produção de pequena escala é utilizada somente para o consumo próprio.

Outras fontes de renda complementar ocorrem no período das férias escolares no mês de julho ou em nos outros feriados, com a vinda de visitantes para a praia, um dos pontos turísticos de Abaetetuba (Figura 4 D), os rabeteiros transporta-os para a praia onde alguns moradores realizam a venda de comida, refrescos, lanches, etc.

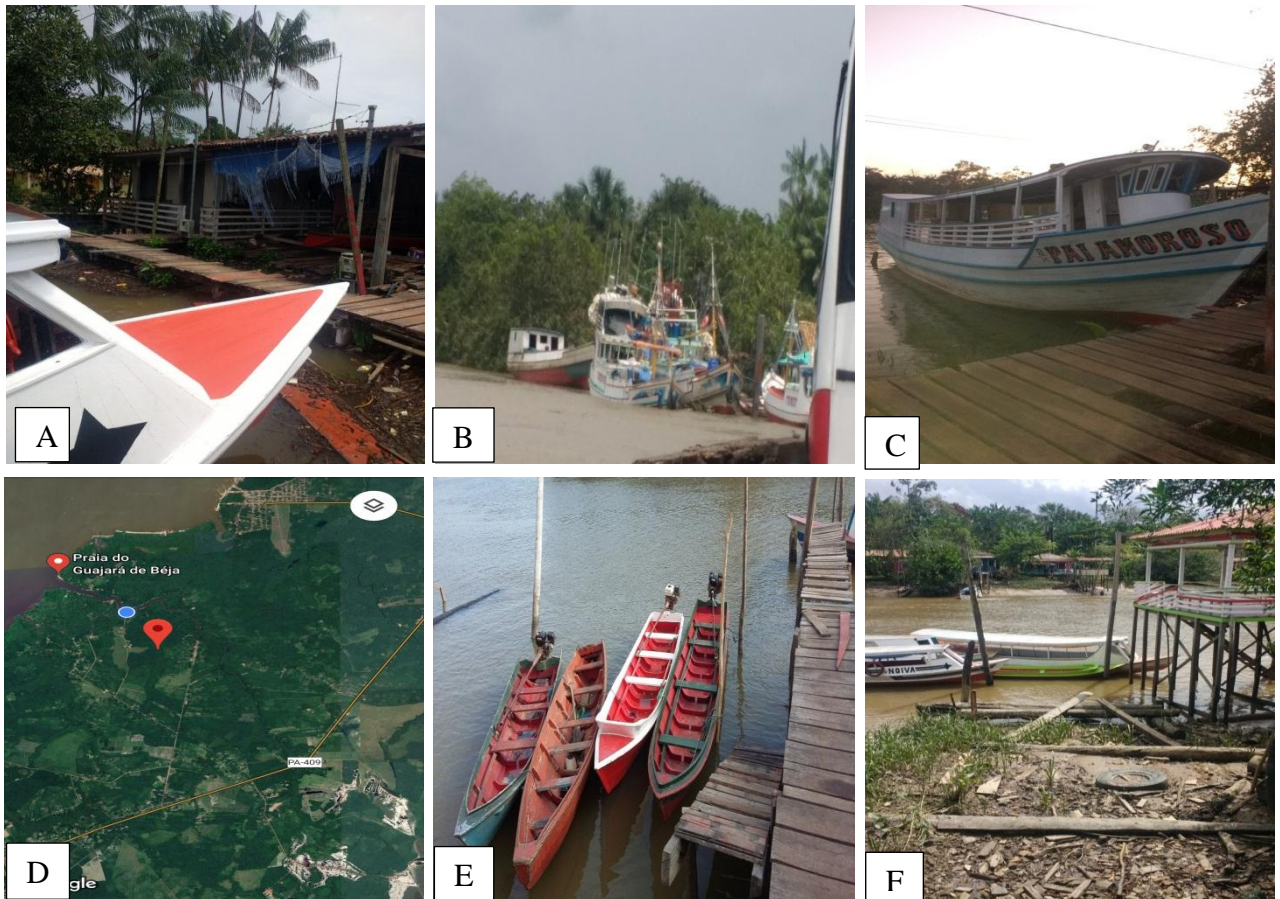
¹: Tipo de pesca realizada no rio ou na baía do capim, em pequena quantidade.

²: Tipo de pesca realizada em alto mar, e em grande quantidade de pescado.

³ Terreno geralmente com plantação de árvores, hortas, ao redor da casa.

Outros moradores trabalham no setor público (escola da localidade), os ACS (Agente Comunitário de Saúde) e os demais que trabalham no Polo Industrial Hydro Alunorte, na Vila do Conde em Barcarena. Concordando com o que diz Suzuki (2007) quando expõe que há uma grande diversidade de ocupações concernente à atividade para manter a sobrevivência, pois “homens que vivem no campo nem todos se dedicam diretamente ao trabalho da terra” (SUZUKI, 2007, P.9).

O meio de transporte aquático utilizado predominantemente é o casco rabudo⁴ (Figura 4 E) usado para se locomover dentro do rio, este a partir de 2006 substituiu o uso dos cascos à remo. Outro meio de transporte bastante usado pelos moradores são as rabetas⁵ (Figura 4 F) que são usadas para transportar mercadorias, alunos para a escola da região, e para se



locomover a outras comunidades vizinhas (Tauerá de Beja, Rio Jarumã (ilha), Rio Pirocaba, Vila de Beja ou até mesmo ir e vir até à cidade de Abaetetuba.

Figura 4-Ponte que ligam uma casa à outra **A**; Barco utilizado para realizar pesca industrial em alto mar **B**; Barco utilizado como fonte de renda na comunidade Guajará de Beja **C**; Localização da praia do rio Guajará de Beja (ponto vermelho e branco), um dos pontos turísticos de Abaetetuba **D**; Transporte utilizado para se locomover dentro do rio **E**; Rabeta utilizada para transportar pessoas e mercadorias na localidade pesquisada **F**.

⁴ Espécie de casco com a popa atorada com motor rabudo movido à gasolina.

⁵ Embarcação de pequeno porte com motor que fica no centro ou na popa movido a óleo diesel.

Fonte: Dados de campo, em: 05/02/

Fonte: Google maps /2019. Acesso em: 30/01/2019.

Outra opção de locomoção do referido local para Abaetetuba e cidades vizinhas, é o transporte terrestre através da linha de ônibus, motos ou carros pequenos, pelo ramal Baía existentes desde o ano de 2001. Em 2018 surgiram ainda o ramal do Ferreira, e o ramal do Raimundo. E Abaetetuba por ser o principal alvo na aquisição de roupas, calçados e produtos alimentícios para o consumo ou pra revenda nos mercadinhos e mercearias da localidade a população utiliza todos os dias a alternativa da linha de ônibus.

A coleta de lixo é realizada pela prefeitura do município somente nos ramais que se iniciou em 2017, a população que mora na margem do rio fica desassistida ao acesso da coleta, resta destiná-los a queima e quando a maré invade os quintais o as sobras dos resíduos é levado pelas correntezas para o córrego, sem contar com o lixo que é trazido pelas enchentes diretamente da Baía devido o rio ser propício às enchentes e vazantes das marés.

Não tem saneamento básico e nem abastecimento de água, a água provém em pequena escala de poços artesianos situados em área de terra firme, e em grande escala vem do rio.

Não tem posto de saúde, somente um pequeno cômodo construído ao lado da residência da responsável em receber os medicamentos na SESPA pelo atendimento à população quando necessita de pequenos procedimentos tidos menos graves (aplicação de injeções, soros injeções) e a mesma também faz a distribuição de medicamentos para os pacientes quando precisam para tratar as doenças mais comuns. O local serve também como “consultório” para o médico que vem mensalmente na localidade.

Os aspectos culturais e religiosos existente na localidade é a festividade de São Francisco Xavier realizado todos os anos, no mês de dezembro, pela igreja católica, e os Congressos de adolescentes, Jovens, Senhoras e Obreiros, o dia da Bíblia, e a Escola Bíblica de Férias (EBD) realizada todos os anos pela Igreja Evangélica Assembleia de Deus. A comunidade possui energia elétrica proveniente do Programa Luz para Todos do governo federal.

A escola existente na localidade é a Escola Raimundo Sarges da Rocha que funciona o sistema municipal de ensino infantil e fundamental menor e também é anexo da escola Bernardino Pereira de Barros onde funciona a modalidade SOME e conseqüentemente os alunos do ensino fundamental maior e ensino médio são tidos como alunos da escola Bernardino Pereira de Barros que é tida como escola Polo.

2.2 Caracterizações do ambiente escolar

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Sarges da Rocha está localizada na zona rural na localidade do rio Guajará de Beja é anexo da E.E.E.F.M. Bernardino Pereira de Barros esta última está localizada na Rua Magno de Araújo, nº 1485, Bairro, Centro em Abaetetuba-PA onde funciona a modalidade Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) que no Estado do Pará o respectivo projeto “foi criado [...] com o intuito de levar a educação básica às comunidades rurais ribeirinhas que se encontram distante dos centros urbanos” (PEREIRA, 2016).

A instituição atende duzentos alunos com a idade de cinco a dez anos que são divididas em turmas: jardim I e II e primeiro ao quinto ano do ensino fundamental menor que funcionam nos horários da manhã de 07h30min as 11h00 e à tarde das 13h20min às 17h00.

Referente às turmas e devido à escassez de literatura relacionada à localidade, através das informações expostas pelo Diretor do anexo Raimundo Sarges da Rocha esse modelo de ensino teve início na localidade no ano de 2000 com apenas uma turma de 27 alunos de 5ª série e hoje conta com 220 alunos matriculados que vai desde o 6ºano do ensino fundamental maior até o 3ºano do ensino médio. E devido não ter espaço na escola, as aulas são realizadas num barracão alugado de um morador da região que fica ao lado da escola anexo Raimundo Sarges, cujo aluguel é pago pela Prefeitura Municipal de Abaetetuba, com o dinheiro repassado pelo governo do Estado (Figura 5) e vez por outra os alunos ficam ameaçados de não ter onde estudar devido aos atrasos que sempre ocorrem no pagamento do barracão.



Figura 5-Parte externa do barracão A e a parte interna do barracão, B mostrando uma das salas onde ocorrem as aulas aos alunos foco da pesquisa.

Fonte: Dados de campo. 02/01/ 19.

O espaço não apresenta a infraestrutura necessária para ser utilizado como uma sala de aula, e é um ambiente muito quente, sem ventilação, com pouca iluminação, com o piso apenas cimentado o que acarreta muita poeira no período de verão, e devido às paredes serem de compensado não tem como controlar o barulho no período quando todos os professores estão ensinando ao mesmo tempo.

Os alunos são oriundos da própria localidade, e alguns outros vêm das comunidades vizinhas como a da Sagrada Família localizada no ramal do Tauerá de Beja e da comunidade Sagrado Coração de Jesus localizado no ramal do Maranhão, esses alunos são contemplados com transporte escolar.

A maioria dos professores é concursada pelo Estado e alguns são contratados, as aulas acontecem por módulos no período de 45 dias e em média são ministradas quatro disciplinas, nas quais são feitas duas provas e uma recuperação.

2.3 Coleta de dados etnobotânicos

Para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho a coleta de dados foi dividida em duas partes, uma aplicada aos alunos totalizando treze alunos do 3º ano do ensino médio, devido contar em sua maioria com alunos acima de 18 anos, evitando a necessidade de solicitação de autorização de responsáveis, com entrevista semiestruturada (BERNARD, 2006), onde foi aplicado um questionário com sete perguntas (anexo 1) contendo perguntas abertas e fechadas, indagando acerca dos dados pessoais nome, idade, gênero, religiosidade, estado civil e a pergunta crucial, se fazem uso e se tem planta medicinal em casa. As famílias foram selecionadas a partir do questionário respondido pelos alunos, os quais informaram ter plantas medicinais em casa.

Dessa forma, e em dias alternados seguiu-se para entrevistar as famílias, e as colaboradoras foram as mães devido as mesmas estarem na casa no momento das entrevistas e por constantemente dominarem melhor o conhecimento sobre as plantas medicinais (AMOROZO; GÉLY, 1988), para estas foram feitas treze perguntas (anexo 2), mais abrangentes, pois além dos dados pessoais, foram questionadas também quais as plantas medicinais possuem, quais usam, como fazem o remédio, qual parte da planta é utilizada, se misturam com outras substâncias, para que tipo de enfermidade, etc. Após as entrevistas, as

coleta dos vegetais foram realizadas através da turnê guiada (ALBUQUERQUE, 2010). No período de janeiro a Março do corrente ano.

Sempre que autorizado pelas colaboradoras fez-se gravação de áudio e fotos. Todos os participantes desta pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A coleta das amostras aconteceu nos quintais das entrevistadas, os vegetais foram herborizados adotando os métodos apresentados por (MING, 1996). Para classificá-las respectivamente quanto ao nome científico, gênero, família origem baseou-se nos dados da Flora do Brasil 2020 (<http://floradobrasil.jbrj.gov.br>), onde as informações foram organizadas e analisadas em tabelas e gráficos no programa Excel 2013 para melhor visualização dos resultados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Coleta de dados dos alunos

Na pesquisa relacionada aos alunos, verificou-se que os mesmos todos são oriundos da própria localidade, têm idade predominante menor que trinta e um ano, há maior incidência do sexo feminino, e também a maior quantidade são evangélicos, dos treze alunos 11 são solteiros, dois são casados, no caso destes últimos também já tem filhos, isso leva a um uso mais frequente de plantas devido o cuidado com a família em especial com a criança. Observou-se também que a maioria tem plantas em casa, porém não os usa, uma das explicações pode ser devido a facilidade em adquirir medicamentos que só vem aumentando no decorrer dos anos, no início do ano de 2017 com a vinda mensal do médico à comunidade ocasiona a população a empregar com mais frequência os remédios farmacêuticos, (PINTO, 2008), já que a maioria tem em casa, (Tabela 1), mas também é confirmado na fala da entrevistada quando diz: *“Hoje tá muito melhor pra gente conseguir consultar, receber um remédio, ou até mesmo comprar porque vem o médico todo mês, e o dinheiro que a gente tem, não é muito, mas tem, dá pra comprar quando a gente não consegue no posto”* (Aluna A).

Tabela 1- Características dos alunos quanto à idade, gênero, religiosidade, estado civil, se usa e se tem planta em casa.

Idade	Masc.	Fem.	Catól	Evan.	Sol.	Cas	Usam	Ás vezes	Não usam	Tem em casa	Não tem em casa
17-20	4	8	1	12	11	1	3	1	8	9	4

21-24											
25-28											
29-31	1		1		1	1					
Total	4	9	1	12	11	2	4	1	8	9	4

Fonte: Questionário alocado em prática aos alunos envolvidos na pesquisa de campo.

As doenças/sintomas mais comuns citadas pelos alunos foram: gripe e tosse com nove citações cada; febre com cinco citações; dor de cabeça e dor no estomago com quatro citações cada; rinite alérgica com três citações; resfriado com duas citações; e as demais como diarreia, anemia, dor no corpo, virose, cisto no ovário, dor de garganta, problemas no coração e coceira na pele com apenas uma citação cada. E como a gripe e a tosse foram as mais salientes, Flor e Barbosa (2015) ressaltam que as mesmas podem ser causadas pelas mudanças bruscas de tempo, pois em períodos quentes do dia entrecortados pela queda brusca de temperatura através de temporais na região Amazônica é bastante comum.

Ao serem questionados se sabem usar as plantas medicinais, a maior parte ressaltam que sabem e esse saber é repassado por seus familiares, pessoas próximas, tidas como pessoas de confiança, onde esse conhecimento é repassado oralmente, informando-nos que o conhecimento é repassado para as novas gerações, (MENDONÇA *et al.*, 2007), (Tabela 2).

Tabela 2-Relação sobre o saber usar plantas medicinais e a fonte desse conhecimento.

Idade	Não Sabem	Sabem	Aprende com a Mãe	Aprende com a avó	Aprende com a tia
17-20	2	10	5	4	1
21-24					
25-28					
29-31		1	1		
Total	2	11	6	4	1

Fonte: Questionário alocado em prática aos alunos envolvidos na pesquisa de campo.

Outra questão analisada é apesar de que, o gênero feminino se sobressair em saber usar as plantas medicinais (onze alunas), mas, são os mais velhos (as mães) que preparam os remédios quando os mesmos adoecem a situação muda quando as alunas já são casadas, pois as mesmas é que fazem os remédios, visto que, por já terem filhos, e constantemente, moram

longe dos familiares, são elas as responsáveis no cuidado com a família, denota-se na fala de uma delas quando diz: *“a mamãe, a vovó me ensinaram, mas quando meu filho adoecer eu tenho que fazer, ainda mais, porque a mamãe mora longe, às vezes eu me mudo pra lá pra casa dela, eu sei fazer, mas, na hora tenho que dá meu jeito”* (fala da aluna E). Confirma-se também na fala da aluna: *“a mamãe é que faz o chá de boldo quando estou com dor no estomago”* e ainda acrescenta: *“aí, quando ela ver que não tá resolvendo ela vai na farmácia e pergunta um remédio que é bom pra dor no estomago e compra”*. (fala de aluna B). A aluna (C) ressalta: *“quando estou com gripe, minha mãe, faz o chá de gengibre e me dá, e também compra vitamina C, ou algum xarope na farmácia pra min melhorar logo”*. (fala de aluna C). E outra aluna diz: *“eu sei fazer, mamãe me ensinou uns aí, ainda continua me ensinado, mas na hora quem faz o remédio é ela porque (risos) eu tô doente, né”? Quando não, compra na mercearia* (fala da aluna D).

Constatou também a presença da automedicação no viver dos entrevistados, e pode ser explicada devido ao fácil acesso aos remédios nas farmácias e drogarias na cidade, além disso, tem também as ações dos pequenos comerciantes na localidade, que vendem medicamentos em suas mercearias, mercadinhos, tabernas, etc. Este dado também foi corroborado por Pereira, *et al.* (2008), em seu estudo feito na Universidade de Joinville, junto a estudantes e comunidade em geral acerca dos riscos inerentes à automedicação e ao uso racional de medicamentos.

3.2 Coletas de dados das mães

Na pesquisa relacionada às mães as mesmas têm idade entre 19 a 60 anos, todos do gênero feminino, todas são casadas e praticam a religião evangélica, sendo as faixas etárias entre 30- 41 e 41-50 foram as mais representativas.

As famílias são compostas em média de quatro a sete pessoas, apenas duas são constituídas por três pessoas, sendo uma dessas uma família compostas majoritariamente de idosos. Em se tratando da escolaridade, a maioria ainda não completou o ensino médio (Tabela 3).

Tabela 3- Características das mães dos alunos quanto à escolaridade.

Idade	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Ensino médio incompleto	Ensino médio completo
19-30			2	

31-40				2
41-50	1	2		1
Acima de 51 anos	1			
Total	2	2	2	3

Fonte: Questionário alocado em prática as mães envolvidas na pesquisa de campo.

Constatou-se que todas moram na localidade desde que nasceram, às vezes adoecem, apenas uma entrevistada respondeu adoecer frequentemente, e ressaltou devido ter a idade avançada visto que a entrevistada tem 60 anos, a mesma relatou que tem que tomar medicamento todos os dias devido apresentar problemas de saúde decorrente de hipertensão e diabetes, e ela é cadastrada no programa de hipertensos na SESPA em Abaetetuba, na unidade básica Dr. Roberto Contente, mas não deixa de usar remédios caseiros também, como chá de erva cidreira, de boldo, e da folha da laranja.

Ao comparar os tipos de doenças mais comuns entre alunos e mães, percebe-se semelhança nos resultados, tendo alguns componentes em comuns em ambos os grupos, tais como gripe, tosse, resfriado, febre, etc. Somente a hipertensão, e diabetes que não foram citadas pelos alunos e foram citadas pelas mães.

E quanto ao uso de remédios caseiros 5 responderam usar primeiramente os remédios caseiros, e 4 usam caseiros e de farmácia, segundo Pereira e Ferreira (2017), a preferência por remédios à base de plantas é justificada, sobretudo pela eficácia dos remédios, pela confiança nos ensinamentos deixados por pessoas próximas (mães, avós, tias, parteira).

Na transmissão do conhecimento quanto ao uso das plantas, cinco tem as mães como transmissora desse saber, três dizem ter aprendido com as mães e as avós, e uma com a parteira. Todas elas responderam que repassam o conhecimento que tem sobre as plantas para seus filhos, mesmo as quais tem filhos pequenos, quando crescerem, irão ensina-los da mesma forma que foram ensinadas, neste sentido, dessa forma tem-se um quadro semelhante ao observado por Pereira e Ferreira (2017) ao afirmarem que os conhecimentos da comunidade Tauerá-Açú são pautados principalmente na oralidade, expressas nas práticas observadas e vivenciadas cotidianamente, e as mães são as maiores responsáveis por esse repasse.

Antes, quando a região estava pouco desenvolvida, a primeira opção para tratar doenças era sem sombra de dúvida os remédios caseiros devido as condições que se encontrava a localidade, e hoje mesmo após décadas ainda assim as colaboradoras afirmam

que ainda utilizam as plantas medicinais como remédio, e comparando com (BRANDELI, 2017) quando diz que as regiões conhecidas como rurais devido a falta de acesso aos medicamentos sintéticos acaba utilizando os caseiros, o que torna-se uma inverdade visto que hoje em dia grande parte da população tanto as que residem na urbana ou rural, estão aderindo ao tratamento de doenças através de medicamentos naturais.

As colaboradoras citaram que há tempos atrás na comunidade, a realidade era totalmente diferente, devido ao difícil e penoso acesso aos hospitais da cidade, socorrer um doente era somente através de montarias⁶, e as viagens dependiam da maré, dependendo na maioria dos casos a ajuda das parteiras⁷, e a maior parte das famílias possuíam plantas em casa e faziam bastante uso das mesmas. como ressalta uma das entrevistadas: “antes, a gente usava bastante remédio caseiro, a parteira que me ensinava, tinha a tia Júlia e tia Talmira, porque eram elas faziam os partos e sabiam muita coisa, se eu sei alguma coisa devo à elas (Colaboradora 1). E ainda acrescentou:

E quando já que não tinha outro jeito, a pessoa tava muito doente, o jeito era apelar pros remédios caseiros, ensinados pelas parteiras daquele tempo que hoje nem existe mais, quando então levava o doente pro Seu Lázaro (benzedor) que morava do outro lado da Baía, era ele que ensinava os remédios, ensinava tudo quanto era tipo de remédio, só que era só remédio caseiro mesmo, não era remédio de farmácia. (Colaboradora 1).

As mesmas ainda relataram que hoje, a comunidade conta com algumas facilidades que os ajuda na resolução de problemas decorrente da falta de saúde, além das citadas pelos alunos (vinda mensal do médico, ida às farmácias), com a chegada dos ramais ficou mais fácil se locomover seja de dia ou de noite, através do corpo de bombeiros, táxis, moto táxi, ou até mesmo nos carros próprios que grande parte de os moradores já os possui, em torno de vinte e cinco minutos o paciente é levado até o hospital mais próximo.

⁶ Casco grande movido a vela ou remo.

⁷ Mulher responsável por fazer partos, mesmo não sendo médica.

E com essa facilidade aumentada no decorrer dos anos, percebe-se também a presença da automedicação, pois quando se usa um remédio sem interferência de uma pessoa habilitada para diagnosticar, prescrever e orientar no tratamento de alguma enfermidade, estudos mostram que existem tipos de doenças cuja raiz está relacionada ao uso por conta própria de remédios, (PEREIRA et al., 2008). Situação esta informada na fala de uma das entrevistas que diz ser algo muito fácil de acontecer devido às opiniões recebidas por parte de parentes, vizinhos, conhecidos que pelo fato de ter tido a experiência no uso de algum determinado remédio e deu certo acabam indicando e a população acaba comprando remédio por conta própria podemos acompanhar na fala da colaboradora (2) *"é um costume que a gente aprende com os outros que por exemplo se a gente adocece aí vem um e diz isso ou aquilo é bom e a gente acaba comprando remédio por conta própria ou compra direto na farmácia mesmo"*.

Na fala da colaboradora (3) constata-se também a presença marcante da automedicação quando a mesma relata que usa os remédios caseiros mas que quando o quadro doentio continua agravando ela compra algum remédio de farmácia que já tenha usado antes no tratamento do mesmo sintoma e que tenha dado certo. também, que diz: *"eu procuro usar os remédios caseiros porque muitas das vezes não tem como ir à cidade na hora que os nossos filhos adoecem e quando vejo que não tá melhorando então eu compro algum que já deva ter usado outras vezes e deu certo e assim vai"*.

4 DADOS ETNOBOTÂNICOS

Neste trabalho foram mencionadas 31 espécies de plantas para uso medicinal. As espécies identificadas estão distribuídas em 22 famílias botânicas entre as quais se destacam Rutaceae (4) Lamiaceae (2), Fabaceae (2), e Zingiberaceae (2), essas famílias comumente configuram destaque no uso medicinal em outras comunidades amazônicas, confirmando com Gomes (2013) quando em seu *estudo realizado em cinco escolas no município de Abaetetuba-PA com alunos da 6ª série*, onde também duas das principais famílias que mais se destacaram foram a Rutaceae e Asteraceae utilizado por suas famílias para tratar doenças. Desta forma, também se observa no estudo realizado por Flor e Barbosa (2015) onde pesquisaram a *sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no distrito de Marudá-PA*, no qual, as espécies identificadas que se destacaram nas citações pelos entrevistados foram a Lamiaceae e a Asteraceae, evidenciado também a presença marcante da respectiva espécie no processo de cura.

As espécies que se destacaram com maior número de citações foram gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe) com 5 citações, a laranja (*Citrus sinensis* Osbeck) com 5 citações, o limão (*Citrus limon* (L.) Osbeck.) com 5 citações, e o boldo (*Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch.Bip. ex.Walp.) com 5 citações.

O gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe) teve sua origem no Sudeste Asiático, e veio parar em solo brasileiro há menos de cem anos depois do descobrimento do Brasil (PALHARIN, 2008). A laranja (*Citrus sinensis* Osbeck), tem alguns registros que mostram que a mesma teve sua origem no sul asiático, bem provável na China, há quatro mil anos atrás, e chegou no Brasil no século XVI, trazida pelos portugueses na época da colonização, (NEVES *et al.*, 2008). O limão (*Citrus limon* (L.) Osbeck) é originário da Ásia e foi trazido para as terras brasileiros pelos portugueses no século XVI e assim com as laranjeiras, os limões são muito cultivados e também comercializados no nosso País, pois além de serem utilizados em pratos culinários, também são requisitados como medicinais para produzir remédios relacionados principalmente aos problemas respiratório (DI STASI; HIRUMA-LIMA, 2002). Outra espécie também saliente na pesquisa foi o boldo (*Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch.Bip. ex.Walp.), procedente da África e da Índia, que veio para o Brasil no período colonial, e também é considerado uma espécie de grande representatividade não só no Brasil, mas também no mundo devido pertencer ao grupo das espécies vegetais medicinais utilizados principalmente no tratamento decorrentes ao sistema digestivo (DI STASI; HIRUMA-LIMA, 2002).

As espécies encontram-se organizadas em quatro formas, entre elas estão: erva (13 espécies), árvores (9 espécies), arbustos (8 espécies), e palmeiras (1 espécie). Cinco espécies são cultivadas em terra firme, doze são na várzea e quatorze em ambos os locais.

Todas as entrevistadas cultivam as plantas em casa, as ervas estão plantadas em vasilhas de plásticos assim como verificado por Pereira, Ferreira (2017), porém, as demais estão plantadas nos quintais diretamente no solo ao redor da casa (Figura 10).



Figura 10- Locais de coleta das amostras A (terra firme); B (várzea); C (várzea); D (várzea); E (terra firme); e F (terra firme).

Fonte: dados de campo 07/01/19

Entre os órgãos vegetais as folhas se sobressaem com mais da metade das citações (9 indicações), em seguida vem os frutos (5 indicação), a casca do caule (4 indicações), a raiz e as sementes (3 indicações), o caule (2 indicações) e por fim as flores e os ramos foliares cada uma com 1 indicação.

As folhas são bastante utilizadas na produção de chás, banhos, emplastos, afumentações, e por não dependerem de estação do ano para sobreviver são as que se destacam nas preparações, por certo que, retirando-as, não irá prejudicar o crescimento das espécies, situação contrária quando se retira a raiz, o caule ou os frutos, ocasionado a morte das mesmas como, por exemplo, gengibre, borboleta, marupazinho, (Tabela 6), (PEREIRA; FERREIRA, 2017).

Tabela 6- Plantas citadas pelas entrevistadas no Rio Guajará de Beja, Abaetetuba- PA, apresentando nome popular, científico, família, parte utilizada, indicação e modo de fazer.

(continua)

Família	Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de fazer
<i>Myrtaceae</i>	Araçá ou Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Grelo (folhas)	Diarreia (1).	(1) Chá: lavar bem as folhas que estão no final do galho e ferver com uma xícara de água por 3 a 5 minutos deixa esfriar e bebe três vezes ao dia.
<i>Rutaceae</i>	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Folhas	Dor de cabeça (1); AVC (2)	(1) Choque: Enrolar num pano limpo as folhas da arruda, caatinga de mulata e gengibre, triturar, após isso misturar com 1 xícara de álcool coloca na cabeça e amarra um pano; (2) Chá: ferver as folhas de arruda caatinga de mulata e gengibre por cinco minutos deixa esfriar e tomar três vezes ao dia
<i>Meliaceae</i>	Andiroba	<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Folhas, casca do caule, semente	Diabetes (1); emagrecer (2); baques (3).	(1) In natura: coloca um pingo do azeite de andiroba junto com uma colher (sopa) cheia de café amargo tomar de manhã. até ajustar o índice glicêmico; (2) In natura: retirar um pedaço da casca do tamanho da palma da mão deixar secar, e colocar em litro de água limpa espera uns trinta minutos e tomar feito água. (3) in natura: usar o azeite para massagear no local afetado pela pancada.
<i>Portulacaceae</i>	Amor crescido	<i>Portulaca pilosa</i> L.	Folhas	Fratura interna não exposta (1)	(1) In natura: colocar as folhas em uma tigela de plástico socar até se tornar um creme coloca num pano limpo e fino e põe em cima do inchaço onde ocorreu a fratura.

Tabela 6- Plantas citadas pelas entrevistadas no Rio Guajará de Beja, Abaetetuba- PA, apresentando nome popular, científico, família, parte utilizada, indicação e modo de fazer.

(continuação)

Família	Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de fazer
<i>Rosaceae</i>	Ameixa	<i>Eugenia cumini</i> (L.) Druce	Casca do caule	Regularizador menstrual, infecção uterina (1).	(1) Ch: ferver em 1 litro de água um pedaço da casca do caule da ameixa, manga, caju, vernica, e se tiver barbatimão também pode colocar deixar esfriar coa e toma de vez em quando, do mesmo chá pode se fazer banho de acento  noite.
<i>Malvaceae</i>	Algodão	<i>Gossyplum arboreum</i> L.	Folhas	Tosse, pneumonia (1)	(1) Suco: bater no liquidificador as folhas do algodão do mastruz com uma xicara de água coa num crivo bate novamente são o suco com meia lata de leite condensado, tomar feito xarope três vezes ao dia.
<i>Areceae</i>	Açaí	<i>Euterpe oleraceae</i> Mart.	Caule, raiz, semente	Diarreia, (1); anemia (2); paralisar menstruação de parto(3).	(1) Sumo: corta-se o caule verde corta as folhas e assa direto no fogo, depois bate com o martelo no local que foi assado, espreme o sumo e tomar duas vezes ao dia. (2) In natura: retira a raiz vermelha lava bem e tritura em seguida pão num litro de água e junto coloca cascas da vernica esperar por uma hora e tomar três vezes ao dia.; (3) Sumo: Escolher os caroços meio maduro triturar num pano limpo, retirar o sumo, se tiver muito travoso, colocar água até uma xicara de água e

Tabela 6- Plantas citadas pelas entrevistadas no Rio Guajará de Beja, Abaetetuba- PA, apresentando nome popular, científico, família, parte utilizada, indicação e modo de fazer.

(continuação)

Família	Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de fazer
					tomar três vezes ao dia.
<i>Lamiaceae</i>	Caatinga de mulata	<i>Aelanthus suaveolens</i> Mart. Ex. Spreng.	Folhas	Dor de cabeça (1); AVC (2).	(1):Ver arruda (1); (2): Ver arruda (2).
<i>Anacardiaceae</i>	Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Folhas, casca do caule	Diarreia (1); regulador menstrual, inflamação no útero (2).	(1) Chá: ferver as folhas que estão alojadas no final dos galhos tomar três vezes ao dia; (2): ver ameixa (1).
<i>Asteraceae</i>	Boldo	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex. Walp.	Folhas	Dor no estomago (1); emagrecer (2).	(1) Chá: ferver as folhas numa xicara de agua deixar esfriar e tomar três vezes ao dia; (2) Chá: ferver as folhas in natura e tomar depois de frio tomar em jejum.
<i>Zingiberaceae</i>	Borboleta	<i>Hedychium coronarium</i> J. König	Raiz	Albumina (1); inchaço decorrente de gravidez (2).	(1) Chá: Lavar bem a raiz amassar e ferver em um litro de agua deixar esfriar e tomar feito água; (2) Banho: cortar em pedaços pequenos a raiz ferver por cinco minutos à noite se banhar.
<i>Xantharheaceae</i>	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Folhas	Cicatrizante (1); inchaço (ezipla) (2);tratamento capilar(3).	(1) In natura: retirar a folha quebra deixar pingar o liquido diretamente no ferimento: (2) In natura: abre a folha retira a resina coloca no local que está inchado; (3) Hidratante: abre a folha retira a resina e põe pra bater no liquidificador com uma cenoura e um pouco de óleo de coco aplicar duas vezes por semana no couro

Tabela 6- Plantas citadas pelas entrevistadas no Rio Guajará de Beja, Abaetetuba- PA, apresentando nome popular, científico, família, parte utilizada, indicação e modo de fazer.

(continuação)

<i>Família</i>	Nome Popular	<i>Nome científico</i>	Parte utilizada	Indicação	Modo de fazer
					cabeludo.
<i>Costaceae</i>	Canafixa	<i>Costus Spicatus</i> (Jocq.) Sw.	Raiz	Infecção urinária (1);pedra no rim (2).	(1) Chá: ferver as folhas depois de frio tomar feito água; (2) Chá: ferver as folhas com a arvore de quebra pedra e depois de esfriar tomar três vezes ao dia..
<i>Verbenaceae</i>	Erva cidreira	<i>Lippia alba</i> Wilson (Mill.) N.E.Br. ex P.	Folhas	Pressão alta (1).	(1) Chá: lavar as folhas e derramar agua fervente em cima deixar tampado depois de frio pode tomar com o comprimido para pressão alta.
<i>Indeterminada</i>	For sangue	<i>Não identificada</i>	Folhas	Anemia (1)	(1) Chá: lavar as folhas, e derramar água fervente em cima das mesma e lascas de verônica depois de frio à vontade.
<i>Zingiberaceae</i>	Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> <i>Roscoe</i>	Raiz	Gripe (1);reumatismo (2);mau hálito, rouquidão (3).	(1) Chá: ferver a raiz limpa e amassada por cinco minutos e depois de frio tomar três vezes ao dia; (2) In natura: soca a raiz misturar com meia xicara de álcool encharcar num pano limpo e põe em cima do local afetado; (3) In natura: corta um pedaço da raiz mastiga feito bala.
<i>Lamiaceae</i>	Hortelã	<i>Mentha pulegium</i> L.	Folhas	Dor de barriga	(1) Chá: limpar as folhas

Tabela 6- Plantas citadas pelas entrevistadas no Rio Guajará de Beja, Abaetetuba- PA, apresentando nome popular, científico, família, parte utilizada, indicação e modo de fazer.

(continuação)

Família	Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de fazer
				(gases)	derramar água fervente em cima deixar tampado depois de frio colocar de acordo com o peso gotas de simeticona e tomar três vezes ao dia
<i>Fabaceae</i>	Jucá	<i>Libidibia férrea</i> (Mart.ex.Tul.) L. P.Queiroz	Folhas	Gripe (1)	(1) Chá: Lavar as folhas ferver por cinco minutos deixar esfriar e tomar três vezes ao dia.
<i>Rutaceae</i>	Limão	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Folhas, frutos	Gripe (1); tosse (2).	(1) Chá: limpar as folhas ferver depois de frio tomar com melhoral; (2) In natura: descasca o limão, espreme, completo com água (1 copo cheio) e adoça com mel de abelha ou açúcar; bebe a vontade.
<i>Rutaceae</i>	Laranja	<i>Citrus sinensis</i> Osbeck	Folhas, fruto	Gripe (1); coração acelerado (2); nervoso (3).	(1) In natura: descasca o fruto e chupar com o todo o bagaço (2) Chá: ferver as folhas adoça com açúcar á gosto e bebe a vontade; (3) Chá: ferve as folhas, adoça, e coloca algumas gotas de flor de laranjeira e bebe três vezes ao dia.
<i>Rutaceae</i>	Laranja da terra	<i>Citrus aurantium</i> sp..	Folhas, frutos	Dor de cabeça ocasionada por gripe (1); albumina (2); constipação (3)..	(1) Chá: limpar e ferver as folhas depois de frio banhar a cabeça de manhã cedo; (2) In natura: descasca o fruto, faz um pequeno furo na parte de cima da fruta, coloca um

Tabela 6- Plantas citadas pelas entrevistadas no Rio Guajará de Beja, Abaetetuba- PA, apresentando nome popular, científico, família, parte utilizada, indicação e modo de fazer.

(continuação)

Família	Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de fazer
<i>Poaceae</i>	Lagrima de N. Senhora	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Folhas, sementes	Pedra no rim (1).	(1) Ch: ferver as folhas com as sementes quebra pedra (toda a árvore, já limpa), e raiz de cheiro verde, depois de frio tomar duas a três vezes ao dia..
<i>Malvaceae</i>	Malvarisco	<i>Althaea officinalis</i>	Folhas	Ezipla (1); Cicatrizante (2).	(1) Emplasto: Colocar as folhas numa frigideira diretamente no fogo esperara murchar, depois de frio, colocar em cima do inchaço que já deve está emplastado com farinha de mandioca e água (chib); (2) In natura: limpar as folhas, socar, depois colocar em cima do ferimento.
<i>Iridaceae</i>	Marupazinho	<i>Eleutherine bulbosa</i> (Mill.) Urb. (Sw.) Herb.	Toda a planta	Diarreia (1)	(1) Ch: retirar a raiz, limpar e amassar, deixar ferver junto com duas xicaras de água por 4 a 5 minutos depois de frio tomar três vezes ao dia.
<i>Anacardiaceae</i>	Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Casca do caule	Regulador menstrual,	(1): Ver ameixa (1).

Tabela 6- Plantas citadas pelas entrevistadas no Rio Guajará de Beja, Abaetetuba- PA, apresentando nome popular, científico, família, parte utilizada, indicação e modo de fazer.

(continuação)

				infecção uterina.	
<i>Amaranthaceae</i>	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Folhas	Pneumonia, tosse com catarro (1).	(1) Suco: limpar as folhas bate no liquidificador com uma xicara de água depois coar e bate novamente desta vez só o suco com três colheres (sopa) de leite condensado e tomar três vezes ao dia.
Família	Nome popular	Nome científico	Parte utilizada	Indicação	Modo de fazer
<i>Rubiaceae</i>	Noni	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Fruto	Diabetes (1).	(1) In natura: lavar bem o fruto abre ao meio e coloca na agua temp. ambiente espera algumas horas e bebe.
<i>Bigniniaceae</i>	Pariri	<i>Arrabidaea chica</i> (H.B.K.) Verlot	Folhas	Anemia (1).	(1) Chá: lavar as folhas, ferver um litro de água desligar o fogo e colocar das folhas, tampar, deixa esfriar e bebe.
<i>Crassulaceae</i>	Pirarucu	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.)Pers.	Folhas	Dor de ouvido (1); infecção urinaria (2).	(1) In natura: Limpar as folhas, socar dentro de um pano limpo, tirar o sumo e pingar dois pingos no ouvido; (2) Suco: Bater no liquidificador as folhas do pirarucu junto com a massa retirada da folha da babosa e tomar três vezes ao dia.
<i>Phyllanthaceae</i>	Quebra pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Toda a planta	Pedras nos rins (1).	(1) Chá: limpar toda a arvore e ferver junto com folhas de cana fixe e as pedrinhas da lagrima de nossa senhora tomar três vezes ao dia.

Tabela 6- Plantas citadas pelas entrevistadas no Rio Guajará de Beja, Abaetetuba- PA, apresentando nome popular, científico, família, parte utilizada, indicação e modo de fazer.

(continuação)

<i>Zingiberacea</i>	Verônica	<i>Dalbergia monetária</i> L. f.	Casca do caule	Anemia (1); regulador menstrual infecção do útero (2).	(1)In natura: lavar o caule retirar a casca (mais clara) e colocar em 1 litro de água deixar descansar por 30 minutos e tomar três vezes ao dia; (2): ver ameixa (1).
---------------------	----------	-------------------------------------	----------------	--	---

Fonte: Questionário posto em prática aos entrevistados envolvidos na pesquisa de campo.

Relacionado à maneira de usar e preparar as plantas medicinais verificou-se a predominância do modo ingerir os remédios por via oral, através da utilização de chás com vinte modos na forma de decocção⁸, em seguida vem o modo de infusão⁹, seguido de banhos com seis citações e por último os sumos¹⁰. A relação da maior quantidade de chás se dá pelo fato de ser fácil, prático, e rápido produzi-lo quando se trata de alguma enfermidade tratada pelas entrevistadas, (SILVA, 2015).

Outra situação observada no uso de remédios neste grupo pesquisado constatou-se também que os mesmos usam bastante os remédios na modalidade fitoterápicos que também se obtém das plantas, segundo a ANVISA, são considerados medicamentos fitoterápicos os obtidos com emprego exclusivo de matérias-primas ativas vegetais. São adquiridos pelas colaboradoras na forma de comprimidos, garrafadas, xaropes, cápsulas, etc. adquiridos em ervanários na sede do município.

5 CONCLUSÃO

Com o resultado desta pesquisa constatou-se que os estudantes têm conhecimento sobre o uso de remédios caseiros, e suas principais fontes de conhecimento são os parentes que repassam esse conhecimento, sabem que é possível tratar doenças com o uso de

⁸ Chás de (folhas curas, cascas, sementes ou raízes) fervido com agua direto no fogo.

⁹ Chás de folhas ou flores onde é adicionado agua fervente em cima das folhas, tampado, depois coado, e ingere.

¹⁰ Socar as folhas, retirar o liquido e usa como remédio (faz-se isso com o pirarucu) ou lava bem as folhas e mistura com leite condensado e agua e bate no liquidificador (neste caso, usa-se o mastruz).

remédios caseiros, tem plantas medicinais em casa, contudo, os mesmos usam os remédios de farmácias para tratar doenças.

Outra situação que se constatou foi em relação aos alunos solteiros, apesar de saberem fazer os remédios, mas quando adoecem quem faz são as mães, visto que as alunas casadas são as próprias que produzem o pelo fato de serem as responsáveis pelas suas famílias.

Em ambos os grupos (alunos e mães) a automedicação está presente sem se dá conta dos riscos de saúde que estão propensos, isso se deve a facilidade de acesso a medicamentos em mercearias, pequenos comércios.

Observou-se que ainda existem famílias que utilizam espécies medicinais, para tratar ou curar doenças. Mas, verificou-se também que devido a vinda do médico mensalmente á comunidade, abertura de ramais, a aquisição de transportes motorizados, ficou mais rápido e fácil socorrer um doente na comunidade, diminuindo assim o uso de plantas.

E que apesar de está havendo uma diminuição no uso de plantas, neste trabalho, registrou-se um alto número de espécies considerando o número de entrevistados. Consta-se que o uso de plantas mesmo diminuído ao longo dos anos pelos motivos relatados ainda resiste de forma significativa na comunidade.

Espera-se com esse estudo a valorização do conhecimento tradicional bem como subsidiar novos estudos nas comunidades ribeirinhas abaetetubenses.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; NETO LINS, E. M. F. Seleção e escolha dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etno-ecológica**. Recife: NUPPEA, 2010. p. 48.

ALMEIDA, N. de J.R. Ecologia humana e desafios interculturais na Amazônia Paraense, Abaetetuba/PA. **Pesquisa Ipiranga, Belém/Pará**, v.2, n. 2, p.1-9, ago. 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br>. Acesso: 09/ 02/19.

ALMEIDA, S.M., AMARAL, D.D., SILVA, A. S.L., Análise florística e estrutura de florestas de várzea no estuário amazônico. **Acta Amazônica**. V.34, p.513-524,2004.

AMOROZO, M.C.de M; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v. 4, n.1, p.57, 1988.

ANVISA, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/resultado-de-busca?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-1&p_p_col_count=1&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=352238&_101_type=content&_101_groupId=33836&_101_urlTitle=medicamentos-fitoterapicos&inheritRedirect=true. Acessado em: 03 de junho de 2019.

Arrais PSD, Fernandes. MEP; da S. Dal Pizzol T, Ramos LR, Mengue SS, Luiza VL, et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. *Revista Publica*. 2016; 50 (sup. 2): 13 s.

BERNARD, H. R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches** 4th ed. Lanham: Alta Mira Press, 213-450, p.2006.

BRAGA, C. de M. **Histórico da utilização de plantas medicinais**. 2011. 24 f. TCC (Licenciatura em Biologia a distancia) .UnB (Universidade de Brasília), 2011.Disponível em: <http://www.bdn.unb.br>2011>. Acesso em: 10/05/18.

BRANDELLI, C.L.C. **Plantas Mediciniais: Histórico e Conceitos**. 2017. 13.P. . Disponível em: <[BRANDÃO, M.G.L., ALMEIDA, J.M.A., Ensinando sobre plantas medicinais na escola. **DATAPLANT**. Museu de historia natural e jardim botânico da UFMG, Belo Horizonte, 2011,52 p.](http://www.srdv.grupo.com.br.>Lib.>. Acesso em: 10/05/18.</p>
</div>
<div data-bbox=)

CASTRO, A.P. de. et al. **A agricultura familiar: principal fonte de desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades da área focal do Projeto Piatam**. In: In: PEREIRA, H. dos S.; FRAXE, T. de J.P.; WITOSKI, A. C. (Org.). *Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modo de vida e usos dos recursos naturais*. Manaus- AM: Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), 2007. Cap. III, p. 55-89.

CAVALINI, M.; et al. Serviço de informações sobre plantas medicinais e medicamentos fototerápicos. **EXTENSIO- Revista Eletrônica de Extensão**. Numero 8, ano 2005. Portal de Periódicos UFSC- Disponível: <https://periódicos.ufsc.br>>. Acesso em 28/01/19.

CARVALHO, E. G.de. et al. O resgate de saberes das plantas medicinais no ensino da Biologia. In: I SEMINÁRIO PIBID/SUDESTE E III ENCONTRO ESTADUAL DO PIBID/ES. Avaliação, Perspectivas e Metas. Disponível em: <https://www1.univap.br>fea>. Acesso em: 25/01/19.

CASTRO, A.P. de. et al. **A agricultura familiar: principal fonte de desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades da área focal do Projeto Piatam**. In: In: PEREIRA, H. dos S.; FRAXE, T. de J.P.; WITOSKI, A. C. (Org.). *Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modo de vida e usos dos recursos naturais*. Manaus- AM: Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), 2007. Cap. III, p. 55-89

COAN, C. M; MATIAS, T. A utilização das plantas medicinais pela comunidade indígena de Ventarra Alta- RS. **Revista da Educação do IDEAU (REI)**. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai- IDEAU, v.8, n. 18, p.1-14, julho-Dezembro 2013, semestral. Disponível em: < <https://docplayer.com.br>. Acessado em: 10/05/18.

COSTA, J. da C.; MARINHO, M. das G. V. .Utilização de plantas medicinais como recurso didático para o ensino de Ciências e Biologia. In: **VI ENCONTRO DE INICIAÇÃO A DOCENCIA DA UFCG: Linguagem, Diversidade e Docência no PIBID-UFCG**. Campina Grande.6 p. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br>revistas>. Acessado em:12/07/18

CRUZ, L. P.; FURLAN, M. R. ; JOAQUIM, W. M.; O estudo de plantas medicinais no ensino fundamental: uma possibilidade para o ensino da Botânica. In: **Encontro Nacional**

de Pesquisa de Educação em Ciência. VIII ENPEC. Florianópolis, 5 de novembro de 2009.

DI STASI, L. C.; HIRUMA-LIMA; C. A., SOUZA-BRITO, A. R. M.; MARIO, T. A.;

SANTOS, C. M. **Plantas medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica.** 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora UNESP, 2002. 604 p.

FLORA DO BRASIL 2020 EM CONSTRUÇÃO. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>

FRANÇA, A. C.M. et al. .Avaliação do conhecimento sobre as plantas medicinais entre os estudantes do Unileste, MG. **Revista Brasileira de Biociências, Porto Alegre**, v. 5, supl.1, p.399-401, jul.2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/rbb.article.download>>.Acessado em: 12/07/18.

FRAXE, T. J. P.; PEREIRA; H. S., WITCKOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.** Manaus: EDUA, 2007.224p.

FLOR, A. S. S.O.; BARBOSA, W.L.R. Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no distrito de Marudá, PA. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais, Campinas**, v. 17, n. 4, supl. I, p.757-768,2015.

FOLADOR, A. C.V., TEIXEIRA, M. da C., A “urbanização” do campo e suas implicações para a sustentação da **Pedagogia da Alternância: Percepções de uma comunidade rural**. In: III Simpósio Nacional de Geografia Agrária-II Simpósio Internacional de Geografia Agrária. Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira- Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005. , p.9.

GOMES, D. R. R. **Conhecimento sobre plantas medicinais por alunos de 6ª série da rede pública do município de Abaetetuba, Pará, Brasil.** 2013. 42 f. TCC. (Licenciatura Plena em Ciências Biológicas). IFPA, Abaetetuba/PA, 2013.

JARDIM, M. A.G., OLIVEIRA, F. G., Morfologia floral de duas etnovarietades de *Euterpe oleracea* Mart. do estado do Pará. **Biota Amazônia. Macapá.** v.4,n.4,p.6-9,2014, jan.2014. Disponível em:< <http://periodicos.unifap.br/index.php/biota>>. Acessado em: 19/01/2019.

LIMA, H. N.; TEXEIRA, W. G. SOUZA, K. W. de. ; **Os solos da paisagem da várzea com ênfase no trecho entre Coari e Manaus.** In: PEREIRA, H. dos S.; FRAXE, T. de J.P.; WITOSKI, A. C. (Org.). **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modo de vida e usos dos recursos naturais.** Manaus- AM: Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), 2007. Cap. II, p.35-50.

MEDEIROS, E.T.O., CRISOSTIMO,A.L., A importância da aprendizagem das plantas medicinais no ensino da botânica: **Os desafios da escola pública Paranaense na perspectiva do professor, PDE, produções didáticas pedagógicas**, versão on-line, vol. II,2013.disponivel em http://incentro_cien_pdp_edilmari_taque. Acesso em 17/06/19 às 14:23.

MENDONÇA, M. S. de. et al. C. **Etnobotânica e o saber tradicional.** In: FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto; PEREIRA, Henrique dos Santos; WITCKOSKI, Antônio Carlos (Orgs). **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: Modos de Vida e Uso dos Recursos Naturais.** Universidade Federal do Amazonas (UFAM)- Projeto Piatam: Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), 2007. Cap. IV, P. 91-102.

MING, L. C. Coleta de plantas medicinais. In: DI STASI, L.C. (Org.). **Plantas Mediciniais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, p. 47-68, 1996.

NEVES, M. F.; et al. **Centro de pesquisa e projetos em marketing e estratégia. Universidade de São Paulo- USP- Ribeirão Preto**. O retrato da citricultura brasileira, mapeamento, quantificação e consumo da citricultura safra 2008/2009. Acessado em: 19/01/19.

PALHARIN, L. H.; et al. Estudo sobre gengibre na medicina popular. **Revista Eletrônica de Agronomia**, ano VIII- nº 4, dez. de 2014, periódicos semestral. Acessado: 19/04/19.

PEREIRA, M.G., FERREIRA, M. C., Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **BIOTA AMAZÔNIA ISSN 2179-5746**. Macapá, v.7, n. 3, p. 57-68, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unifap.br/index.php/biota>. Acessado em: 29/01/19.

PEREIRA, R. da C. Sistema de Organização Modular de Ensino (SOME) e a inclusão social dos jovens e adultos do campo. **MARGENS- Revista Interdisciplinar**. Versão Digital- ISSN 1982-5374. Dossiê: Formação Docente. V.10. n. 14,p. 187-198, Jun.2016.Disponível em: <https://periódicos.ufpa.br..download>. Acessado em: 11/07/18.

PEREIRA, J.R.W., SCHULTZ, V., LEITE, M. C.G., SOARES, S. &HOEPFNER, L. (2008). Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. Universidade da região de Joinville, Joinville, SC: UNIVILLE.

PEREIRA, H. dos S.. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões- Amazonas. In: PEREIRA, H. dos S.; FRAXE, T. de J.P.; WITOSKI, A. C. (Org.). **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modo de vida e usos dos recursos naturais**. Manaus- AM: Editora da Universidade do Amazonas (EDUA), 2007. Cap. I, p.9-29.

PINTO, L. do N., **Plantas medicinais utilizadas por comunidades do município de Igarapé Miri, Pará**: Etnofarmácia do Município de Igarapé Miri- PA. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas). UFPA, Belém, 2008.

SILVA, M. D. P.; MARINI, F. S.; MELO, R.S.; Levantamento de plantas medicinais cultivadas no município de Solânea, agreste paraibano: reconhecimento e valorização do saber tradicional. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. , v.17, n. 4, supl.II, p. 881-890, 2015

SOUZA, C. L.P. de. & KINDEL, E. A. I. ; Compartilhando ações e práticas significativas para o ensino de botânica na educação básica. **EXPERIÊNCIAS EM ENSINO DE CIÊNCIAS**. v. 9, n. 3, p. 1-15, 2014. Disponível em: <[SUZUKI, J.C., Campo e Cidade no Brasil: transformações socioambientais e dificuldades de conceituação. **REVISTA NERA, SÃO PAULO**. Ano 10, nº 10- p.1-15, Janeiro/julho 2007.](https://www.if.ufmt.br.>artigo_ID253>v9_n3_a2014>.Acessado em: 11/07/18.</p></div><div data-bbox=)

APÊNDICE A-Questionário aplicado aos alunos

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: _____

Estado Civil: _____ Escolaridade: _____

Tempo em que mora na localidade _____ anos.

1- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Tem crianças?

2- Você adoece? () Nunca () As vezes () Frequente;

3- Qual o (os) tipos de doença mais comum em sua família?

4- Qual a primeira opção de tratamento?

5- Quando adoece você usa plantas medicinais? Quais?

6- Quem lhe ensinou a usar?

7- Tem planta em casa?

APÊNDICE B- Questionário aplicado às mães dos alunos

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: _____

Estado Civil: _____ Escolaridade: _____

Tempo em que mora na localidade _____ anos.

1- Quantas pessoas moram com você? Quem são? Tem crianças?

2- Você adoece? () Nunca () As vezes () Frequente;

3- Qual o (os) tipos de doença mais comum em sua família?

4- Qual a primeira opção de tratamento?

5- Quando adoece você usa plantas medicinais? Quais?

6-Tem planta em casa?

7- Quem lhe ensinou a usar a planta?

8- Para que usa? Que parte usa?

12- Tem pessoas que não pode usar o remédio?

13- Você ensina seus filhos?
